

Ovinocultura no Brasil

Francisco de Assis Fonseca de Macedo¹, Gladston Rafael de Arruda Santos²;

Angela Cristina Dias Ferreira², Alfredo Acosta Backes².

¹Pesquisador Visitante Nacional Sênior (PVNS/CAPES) da Universidade Federal de Sergipe/UFS.

²Departamento de Zootecnia (DZO) da Universidade Federal de Sergipe/UFS.

Histórico

A primeira referência de ovinos em terras Brasileiras é de 1556, quando foram introduzidos animais de origem Espanhola e Asiática, trazidos pelos Portugueses, a partir do descobrimento do Brasil. Segundo Villela (2015) "seus descendentes sofreram ao longo dos séculos intenso processo de seleção natural, nos diferentes ambientes em que se encontravam, a ponto de hoje apresentarem características específicas de adaptação. Essas características de adaptação lhes permitiram ser resistentes e pouco exigentes, o que contribuiu para garantir sua sobrevivência e perpetuação. No entanto, apesar de altamente adaptados a alguns ambientes do País, esses animais apresentam baixo nível de produtividade".

Há anos, investidores Brasileiros na produção animais vêm buscando ovinos de alta produção, sendo importadas várias raças, de acordo com a finalidade econômica de cada época. Inicialmente foram importadas raças com objetivo de produção de lã e de dupla aptidão; em seguida foram importadas raças produtoras de carne de Países da Europa, de leite da França, de carne da África do Sul e mais recentemente raça leiteira da Alemanha.

No final dos anos 80 e início de 90, o rebanho de ovinos no Brasil era estimado em 20 milhões de cabeça. A grande maioria, 11 milhões, concentrava-se no Rio Grande do Sul, com raças lanadas destinadas, em grande proporção, a produção de lã. Com o aumento da produção e

uso da lã sintética, houve um decréscimo significativo do rebanho de ovinos no Rio grande do Sul, estimado atualmente em 3.9 milhões, com orientação à produção de carne, utilizando-se principalmente, reprodutores das raças de corte (Texel, Ile de France, Hampshire Down e Suffolk) na cobertura das fêmeas Corriedale e Ideal para a produção de cordeiros para abate.

A partir de 2002 o rebanho Brasileiro vem aumentando ano a ano. Dados do IBGE (2012) estima o rebanho em 17 381 milhões em 2010 (Tabela 1). O crescimento é atribuído à procura pela carne, principalmente de animais jovens, com cobertura de gordura subcutânea suficiente para proporcionar à carne as características ideais para o consumo.

Tabela 1. Rebanho ovino nas regiões do Brasil.

Região Brasil	Unidade ovino x 1000
Sul	4.887
Centro Oeste	1.268
Sudeste	782
Nordeste	9.858
Norte	586
TOTAL	17.381

O consumo per capita ano da carne ovina no Brasil pode ser considerado baixíssimo (0.7 kg) se comparado ao consumo dos países vizinhos Uruguai (11.0 kg) e Argentina (2.50 kg). Ao considerar a população de 200 milhões de Brasileiros, haverá necessidade de se produzir 140 milhões de kg de carcaça. Para cada 100 matrizes ovinas para produção de cordeiros, abatendo-se somente os machos, estimam-se 40 cordeiros/ano, com peso médio de 35 kg e rendimento comercial de carcaça de 47 %, produz-se $(35 \times 0.47 \times 40) = 658$ kg de carcaça. Logo é necessário um rebanho de aproximadamente 21.3 milhões de matrizes para abastecer o mercado Brasileiro com carne de cordeiros, detectando-se a defasagem de 3.5 milhões de matrizes $(21.3 - 17.8 = 3.5)$. Em 2010 o Brasil importou do Uruguai 5.939 Toneladas, suprimindo-se o déficit da produção interna. Para Guimarães e Souza (2014) existe potencial para a produção de carne de ovinos no Brasil, só que importantes entraves organizacionais precisam ser resolvidos com urgência, para consolidação da cadeia produtiva da carne ovina, em todas as regiões do Brasil.

Rebanho Materno

Na região sul do Brasil a grande maioria do rebanho materno é constituído de fêmeas lanadas, com predominância dos grupos raciais Corriedale e Ideal. Com participação de outros grupos (Texel, Ile de France, Hampshire Down, Suffolk, Dorper, Poll Dorset, Carakul, Crioula, Merino e Lacaune). Com exceção da Poll Dorset e Dorper, todos os demais grupos raciais de ovinos criados no Sul do Brasil são poliéstricos estacionais. Essa característica reprodutiva impede a obtenção de 3 partos em 2 anos, das fêmeas ovinas do Sul, emaios naturais. A sincronização dosaios das fêmeas, além de aumentar o custo de produção dos cordeiros, ainda diminui a eficiência reprodutiva do rebanho.

Nos estados do Mato Grosso do Sul e Mato Grosso é utilizado um grupamento racial, denominado de Pantaneiro, em tramitação para reconhecimento como raça. Esse grupo racial apresenta lã grossa e como comportamento reprodutivo cicla durante todo ano. A grande maioria do rebanho materno desses dois estados é de fêmeas mestiças de Santa Inês-Pantaneiro, Suffolk-Pantaneiro e Texel-Pantaneiro.

Nas demais regiões do Brasil predominam os grupos raciais de deslanados (raças Brasileiras: Santa Inês, Morada Nova, Somalis Brasileira, e outras com pouquíssimos exemplares). O grupo racial Santa Inês pode ser considerado como destaque, pois além de apresentaraios durante todo o ano e rusticidade, como os demais grupos de deslanados, é o que produz maior quantidade de leite. A produção de leite da Santa Inês vem contribuindo para a sua utilização como rebanho materno. Com orientação para a produção de animais mestiços Dorper-Santa Inês (DSI), pelo bom peso ao desmame: 17.33 kg (Santello e Macedo, 2008) e 20.57 kg (Costa *et al.*, 2012) e pela preservação do comportamento reprodutivo (poliéstricas anuais) das fêmeas mestiças DSI.

Finalidade da Criação

Atualmente a grande maioria dos criadores de ovinos no Brasil tem a produção de carne como finalidade principal. Entretanto, é necessário registrar a existência de alguns produtos de lã no RS (Merino); de pele no RS (Karakul e Crioula) e Nordeste (Deslanadas) e de leite no RS, SC, SP, RJ, MG e DF (Lacaune e Frisian).

Os produtores de carne utilizam rebanho paterno das raças de corte (Dorper, White Dorper, Poll Dorset, Texel, Ile de France, Suffolk e Hampshire Down) para produção de cordeiros mestiços, com rebanho materno dos diferentes grupos raciais, existentes no Brasil, com destaque para as lanadas Corriedale e Ideal na região Sul; Pantaneira e Santa Inês no MS e MT; e Santa Inês, Morada Nova nos demais Estados do Brasil.

Manejo das Matrizes

São poucos os criatórios que abrigam as matrizes no período noturno, a maioria deixa o rebanho dormir nos piquetes, não considerando o comportamento das larvas dos parasitos gastrintestinal. Em regiões tropicais como o Brasil, esse manejo errado, proporciona a multiplicação das larvas de parasitos contaminadores das pastagens, as quais serão ingeridas pelos animais, principalmente próximo e logo após o nascer do sol, coincidindo com o horário de maior contaminação pelas larvas, no terço superior das forrageiras, e maior incidência de pastejo dos ovinos. Consta-se em várias propriedades de criação de ovinos, estágio crítico de contaminação de todos os piquetes das propriedades e infecção em altíssimo grau dos animais com *Haemonchus*, que só resta alternativa de encerramento da atividade. Logo, para que a criação de ovinos no Brasil seja viável, é preciso adotar como princípio básico, o manejo parasitológico eficiente do rebanho materno, com a finalidade de se produzir pelo menos 90 cordeiros desmamados, para matrizes poliestricas estacionais (MPE) ou 135 cordeiros para matrizes poliestricas anuais (MPA), considerando-se cada 100 fêmeas adultas no rebanho. O manejo correto de um rebanho ovino, a partir do módulo mínimo econômico (750 MPE ou 500 MPA) inclui: 1- alojar o rebanho em instalações adequadas, antes do por do sol e conduzi-lo a piquetes não contaminados com larvas de *Haemonchus*, três horas após o nascer do sol; 2- monitorar individualmente todo o rebanho pelo método FAMACHA, a cada 15 dias; 3- Não deixar o rebanho em um mesmo piquete por mais de 30 dias e só voltar a ocupar o mesmo piquete, após 60 dias de descanso; 4- Disponibilizar volumoso no cocho, 1% de MS do peso vivo.

São várias as forrageiras utilizadas para pastejo de ovinos no Brasil. Com destaque para as de altíssimo valor nutritivo como Trevo (*Oxalis acetosella*), cornichão (*Lotus corniculatus L.*) e Azevém (*Lolium multiflorum*) no sul do Brasil (RS; SC, PR); cultivares de alto valor nutritivo como *panicum* e *Cynodon* na região sudeste (SP, RJ, MG, ES); cultivares de médio a baixo valor nutritivo, com pequenas áreas de *Panicum* e *Cynodon*, aparecendo como destaque as *brachiarias* no centro-oeste (MS, MT, GO, DF); nordeste (BA, CE, PE, PI, RGN, PB, MA, AL, SE) e norte (AC, AP, AM, PA, RO, RR, TO).

Como volumoso no cocho, as mais utilizadas são: 1^o Capim Elefante (*Pennisetum purpureum*) e 2^o Cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum L.*), trituradas verdes ou conservadas como silagem; 3^o milho (*Zea mays*) e sorgo (*Sorghum bicolor*) como silagem.

Manejo dos Cordeiros

Nascimento ao desmame

Não existe padronização quanto ao manejo dos cordeiros do nascimento ao desmame. Alguns criadores deixam os cordeiros nascerem no campo, recolhendo mãe e filho(s) duas ou mais horas após o evento, quando fazem a cura do umbigo e observam a mamada do colostro. A partir do terceiro dia, quando o cordeiro apresentar-se forte, mãe e filho retornam para o campo. Poucos criadores não recolhem mães e cordeiros do campo, executando a cura do umbigo no local da parição.

Criadores que adotam um pouco de tecnologia, as fêmeas são separadas em lotes com previsão estimada de parição, para que o nascimento dos cordeiros ocorram em piquetes ou baias de parição. Alguns criadores retornam com ovelhas e cordeiros para piquetes de criação, a partir do terceiro dia da parição, com recolhimento ou não para instalações no período noturno.

Poucos criadores adotam tecnologia avançada, com as partições ocorrendo em baias maternidades, com disponibilidade de *creep feeding*, e os cordeiros não tendo acesso ao campo, executando o seguinte manejo:

- Primeira semana mães e filhos 24 horas em baia maternidade;
- Segunda semana, mães vão para piquetes duas horas/dia (9:00 - 11:00 horas);
- Terceira semana, mães vão para piquetes quatro horas/dia (9:00 - 13:00 horas);
- Quarta semana, mães vão para piquetes seis horas/dia (9:00 - 15:00 horas);
- Da quinta semana, ao desmame com oito semanas, mães vão para piquetes oito horas/dia (9:00 - 17:00 horas).

Esse manejo reduz a mortalidade dos cordeiros no período de aleitamento, proporciona o desmame de cordeiros mestiços das raças de corte com bom peso aos 60 dias (18.0-22.0 kg) e sem o estresse do desmame, capacitando-os a participar da terminação em confinamento, além de possibilitar a terminação dos cordeiros sem uma única dose de vermífugo, produzindo-se carne sem resíduos de pesticidas.

Vários criadores, principalmente aqueles que utilizam rebanho materno poliéstrico estacional, só fazem o desmame dos cordeiros no momento do abate, ou deixam que a própria mãe o faça.

Desmame ao abate

A maioria dos criadores faz a terminação dos cordeiros em pastagem, com o desempenho variando em função da disponibilidade da forrageira, em qualidade e quantidade.

Recomenda-se a terminação de cordeiros em confinamento a partir de um ganho de peso diário de 0.230 kg. Para isso, o ideal é: 1- produzir cordeiros com genética para alta velocidade de ganho de peso (mestiços das raças de corte); 2-proporcionar manejo sanitário eficiente (Sanidade Preventiva) e 3- formular dieta que possibilite aos animais exacerbar o potencial de ganho de peso, como os verificados por Santello e Macedo (2008), machos 1/2 Dorper + 1/2 Santa Inês, de partos simples, desmamado com 58 dias pesando 17.33 kg, atingindo ganho de peso diário de 0.399 kg, em confinamento.

Raças ovinas mais criadas no Brasil

Conceito e classificação de raça

A raça pode ser definida como um grupo de animais que apresentem características similares, com capacidade de transmissão a seus descendentes. Vários são os sistemas usados para classificação das raças ovinas: presença ou ausência de lã (lanadas, deslanadas), finura e comprimento da lã, clima de criação (tropical, temperado), países onde se originou a raça (europeia, africana), medidas do corpo, com particularidades para a cabeça, grau de gordura da cauda. Entretanto, o mais adequado é a classificação das raças baseando-se na sua capacidade produtora (carne, lã, leite, mista).

Ovinos Puros de Origem

O Registro Genealógico de ovinos no Brasil são certificados pela ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE OVINOS com a sigla ARCO, sediada no Município de Bagé, Rio grande do Sul.

O Brasil é o país das Américas que apresenta o maior efetivo de ovinos Puros de Origem (PO) das raças de corte, com comercialização de animais aumentando desta forma o Rebanho PO aqui no Brasil e com vendas também para os países vizinhos.

Raças ovinas criadas no Brasil

As raças aqui apresentadas foram descritas de acordo com o Manual Técnico da ARCO – Associação Brasileira de Criadores de Ovinos (2005).

Raças produtoras de lã

Raça Merino

Segundo Vieira (1967) a raça Merino é originária da Espanha e difundida em vários países, passou a constituir diversas variedades, dependendo do critério de seleção adotado. Assim, na França, constituem as variedades Rambouillet e Precoce; na Alemanha, Electoral; na Áustria, Negretti; nos Estados Unidos, Vermont, Delaine e Rambouillet Americano; na Austrália, Merino Australiano; na Argentina, Merino Argentino. No Brasil e, principalmente, no Rio Grande do Sul, a variedade Merino Argentino foi criada por um longo período. Devido a algumas características indesejáveis, como: a) a lã penteada não apresentava o comprimento mínimo exigido pelas indústrias de fiação; b) corpo muito enrugado, dificultando a tosquia; c) excessiva cobertura de lã na cara, esta foi substituída por Merino Australiano, que além de não apresentar nenhum dos inconvenientes citados, produz a melhor lã, cara destampada, chifres de voltas abertas, facilitando a tosquia da cabeça e dando aparência aos machos, duas a três dobras apenas no pescoço, preferem clima seco e campos enxutos, dotados de abrigos.

Padrão racial: Cabeça comprida com perfil convexilíneo e, nos machos, chifres grandes dirigidos para fora e espiralados. Orelhas pequenas, cobertas de pelos brancos, curtos e finos. Pescoço curto e forte com três a quatro dobras. Lã de coloração branca, cobrindo todo o corpo e parte da cabeça, deixando a visão completamente livre. Nos membros, a lã vai abaixo dos joelhos e jarretes, sem chegar aos cascos. A finura apresenta-se entre 16 e 26 μ (na classificação de lã brasileira está entre Merina e Prima B). O velo pesa entre 3 a 6 kg nas ovelhas e de 6 a 15 kg nos carneiros.

Pele solta, fina e de cor rosada. Corpo longo e cilíndrico; cruz e garupa altas; linha superior reta; peito longo e proeminente; flancos não achatados. Pés separados e bem apoiados, proporcionando aprumos regulares.

Raça Ideal ou Polwarth

É originária da Austrália, resultante de cruzamentos entre carneiros Lincoln e fêmeas Merino Australiano para formar f1; machos Merino Australiano x fêmeas f1, produzindo-se f2 $\frac{3}{4}$ Merino; fixando-se $\frac{3}{4}$ Merino a partir de f3, cruzando-se os melhores animais, machos e fêmeas, mesmo com consanguinidade, para manutenção de $\frac{3}{4}$ Merino.

Padrão racial: Cabeça de tamanho mediano, pouco alongada. A variedade criada no Brasil é mocha, são admissíveis pequenos botões de chifres, desde que não fixos no osso. Cara co-

berta de pelos curtos, finos, brancos, macios e brilhantes. O focinho deve ser branco, podendo aparecer pequenas manchas escuras. Orelhas médias cobertas de pelos finos. O pescoço deve ser curto e sem dobras na pele (principal diferença entre esta e o Merino Australiano).

A lã de cor branca, cobre a cabeça até a linha média dos olhos, formando topete, deixando livres os olhos. A finura apresenta-se entre 23 e 26 μ (na classificação de lã brasileira está entre Prima A e Prima B). O velo pesa entre 2.5 e 5 kg nas ovelhas e de 8 a 10 kg nos carneiro. Corpo com boa cobertura de carne. Patas de comprimento mediano, com cascos brancos. Animal bastante rústico, podendo viver em campos pobres.

Raças mistas para lã e carne

Raça Romney Marsh

Raça originária do condado de Kent (Inglaterra). Raça de dupla aptidão, apresentando equilíbrio zootécnico voltado 60 % para a produção de carne e 40 % para a produção de lã grossa.

São animais rústicos e precoces. Os cordeiros suportam o frio, vento e chuvas. Essas características credenciam a raça como recomendada para campos baixos e úmidos ou sujeitos a alagamento. A mãe possui boa capacidade leiteira.

Na Nova Zelândia formaram variedade mais moderna, sendo a predominante nos países sul-americanos. Ossos leves, boa distribuição de carne, gordura entremeada nos músculos e de cobertura bem distribuída, conferindo qualidade às carcaças. Como características principais, notam-se menor tamanho e mais lã na cabeça do Neozelandês.

Padrão racial: Cabeça coberta de lã até a linha mediana dos olhos, formando um topete, sem prejudicar a visão. A parte inferior da face é coberta de lã, sem atingir a cara, que deve ser coberta de pelos brancos suaves. O perfil é ligeiramente convexo. As mucosas nasais e os lábio são pigmentados de negro. Orelhas medianas, bem implantadas, carnudas e com pontas arredondadas, cobertas de pelos brancos ou lanugem. É comum a ocorrência de pequenas manchas pretas. Mochos para ambos os sexos. Linha dorso lombar comprida, larga e bem coberta de músculos. Patas curtas, recobertas de lã. Cascos pretos, grandes e fortes, resistindo umidade e as doenças próprias. O velo deve cobrir todo o corpo e mostrar densidade e uniformidade em todas as suas partes. A cauda é implantada quase em linha reta com a coluna.

Raça Corriedale

É raça originária da Nova Zelândia. Inicialmente, resultante do cruzamento entre as raças Lincoln e Merino. Entretanto, o atual Corriedale, possui uma pequena porcentagem de sangue das raças Leicester e Border Leicester. É a raça de dupla aptidão mais criada na América do Sul.

Animal rústico, resistindo às adversidades do meio. Por ser uma raça com equilíbrio zootécnico orientado 50 % para produção de carne e 50 % para produção de lã, deve apresentar esqueleto bem constituído e velo pesado, extenso e de boa qualidade.

Padrão racial: Cabeça-focinho curto e grosso, nuca larga, orelhas pequenas e bem implantadas, cobertas de pelos brancos. Pelos curtos, brancos e sem brilho no focinho, que deve mostrar pigmentação preta na ponta, entre as ventas e a boca.

A lã branca e bem lubrificada chega próximo aos olhos, não devendo tampar a visão, formando topete característico. Mochos em ambos os sexos. Pescoço curto, com peito largo e profundo. Quartos musculosos, cheios e separados. Patas curtas, cobertas de lã até os cascos. Cascos pretos, admitindo-se algumas raias claras. Por atender aos diferentes interesses da produção, é indicada em cruzamentos com finalidades de lã, bem como para produção de carne.

Raças produtoras de pele e carne

Raça Karakul

É originária da Ásia. Os cordeiros apresentam uma ótima qualidade de pele, caracterizada por rolos de lã, não encontrados em qualquer outra raça ovina. Por esses rolos se abrirem nos primeiros dias de vida, os cordeiros eram abatidos logo após o nascimento, fornecendo as peles conhecidas como astracãs, usadas na fabricação de artigos de alto valor comercial.

Entretanto, após a formação, em nível mundial, de várias organizações “protetoras” dos animais, ficou proibido o abate dos cordeiros, para produção do astracã. Restando a alternativa da criação e terminação dos cordeiros para produção de pele e carne.

Outra característica marcante é a cauda longa e larga na inserção, onde acumula grande quantidade de gordura, que pode ser utilizada na época de escassez de alimentos. São animais bastante rústicos, resistindo a invernos e verões rigorosos e mantendo-se bem nas pastagens fracas.

Padrão racial: Cabeça pequena, normalmente convexilínea, coberta de pelos curtos, finos e lustrosos e de cor variada, podendo ser aspada ou mocha em ambos os sexos. Velo negro, marrom ou cinza, com pelos compridos e grossos e lã fina entremeada, por todo o corpo, exceto na cabeça e extremidades. O velo apresenta dois tipos de fibras: as compridas de 11 a 18 cm de comprimento e de 65 a 80 μ de diâmetro e as mais curtas com 5 a 8 cm de comprimento e de 30 a 35 μ de diâmetro.

A raça apresenta chifres de forma variada, orelhas grandes e pendentes, pescoço comprido e peito estreito, anca levantada e arredondada, pernas finas e altas, patas compridas com as traseiras maiores e cobertas de pelos pretos, curtos e finos. Os cascos são pretos e a cauda de inserção é larga, comprida e em forma de S, armazenando grande quantidade de gordura.

Raça Crioula

São ovinos resultantes do cruzamento de rebanhos introduzidos pelos jesuítas no Rio Grande do Sul com raças importadas a partir da colonização portuguesa. Provavelmente originária dos ovinos da raça Churra Espanhola, encontrando-se em todos os países sul-americanos.

Padrão racial: Cabeça pequena com perfil reto ou semiconvexo; podem ser encontrados machos com vários chifres, e as fêmeas podem apresentar chifres pequenos. Animais mochos podem apresentar topetes cobrindo os olhos e o chanfro. O velo é formado de pelos grossos, caracterizando-se por mechas compridas, soltas e pontiagudas, podendo ser brancos, pretos, marrons ou suas misturas. Orelhas de tamanho variado, patas finas, peito estreito e anca levantada. A carne é bastante apreciada, mas com baixo rendimento de carcaça. A principal utilização desses animais é na produção de pelegos para montaria e da lã para a fabricação de artesanatos.

Raça Morada Nova

Raça nativa do Nordeste Brasileiro, tendo sido vista pela primeira vez no município de Morada Nova, vale do Jaguaribe, Ceará. Segundo Otavio Domingues (1954), esta raça é descendente de carneiros Bordaleiros de Portugal, vindos para o Brasil no tempo da colonização portuguesa.

Devido a necessidade de adaptação ao ambiente quente e seco do Nordeste, esses animais sofreram ampla variabilidade quanto aos pêlos e lã. Outros autores acreditam ter vindo esses animais da África, provavelmente no tempo de tráfico dos escravos. Animais deslanados, mochos de pelagem vermelha ou branca, com boa altura de cernelha, entretanto são

muito pernaltas, conferido-lhes um baixo rendimento de carcaça. A Morada Nova é poliestrica anual, apresentando alta prolificidade.

Padrão Racial: Cabeça larga, alongada com perfil sub-convexo. Orelhas pequenas, medianamente implantadas, em formato de concha e terminando em formato de lança. Olhos amendoados. Ausência de chifres, admitindo-se rudimentos nos machos. Garupa curta com ligeira inclinação. Cauda fina e média, não ultrapassando os jarretes.

Variedade Vermelha. Pelagem vermelha em diversas tonalidades; cor mais clara na região do períneo, bolsa escrotal, úbere e cabeça. A presença de sinais pretos não desclassifica. Pele escura, espessa, elástica e coberta de pêlos curtos, finos e ásperos. Mucosa escura. Cauda com ponta branca. Variedade Branca. Pelagem branca, sendo permitido mucosas e cascos claros. Pele escura, espessa, elástica e resistente.

Raça Santa Inês

É uma raça Brasileira. São animais de grande porte, apresentando peso corporal entre 70 e 100 kg. Tronco forte, quartos dianteiros e traseiros grandes, ossatura vigorosa. Provavelmente são resultantes de cruzamento de carneiros da raça Bergamácia com ovelhas Morada Nova, Somalis e outros ovinos sem raça definida do nordeste.

A Santa Inês é considerada poliestrica anual, principalmente no nordeste Brasileiro. No noroeste do Paraná, a 23° 25' de latitude Sul, 51° 55' de longitude Oeste e 554.9 m de altitude, fêmeas Santa Inês não manifestaram cios nos meses de novembro e dezembro.

A Santa Inês é menos prolífera do que a Morada Nova. Entretanto, por ser boa produtora de leite, apresenta boa habilidade materna. Podem apresentar-se com várias pelagens, preferindo-se pelagem escura (preta ou chocolate).

Padrão Racial: Cabeça de tamanho médio, com perfil semi-convexo, focinho alongado. Ausência de chifres para ambos os sexos. Orelhas de tamanho médio, carnudas, cobertas de pêlos, terminando em forma de lança, inserção firme e um pouco inclinada na direção do comprimento da cabeça. Cauda de comprimento médio, não ultrapassando a altura do jarrete. Pelagem. A Santa Inês apresenta as cores pretas, marrons, brancas e suas combinações. Para animais de Pelagem totalmente branca, permitem-se mucosas e cascos despigmentados.

Raça Somális Brasileira

Raça pertence ao grupo de ovinos de cauda gorda, originários de uma região formada pela Somália e Etiópia, tendo o ovino Urial como ancestral remoto. A raça foi introduzida no Brasil por criadores do Rio de Janeiro.

O Somális Brasileiro já se descaracterizou do tronco original, apresentando garupa menos gorda e com alguma lã pelo corpo, provavelmente pela infusão de raças sem garupa gorda e com alguma lã. São ovinos de porte médio a pequeno, com machos adultos pesando 40 a 60 kg e as fêmeas adultas entre 30 e 50 kg. A raça Somális se caracteriza pela pelagem, tendo o corpo branco com cabeça e pescoço pretos ou pardos. Permite-se a área escura até a base do pescoço e a metade da espádua. São animais poliêstricos anuais e apresentam alta prolificidade.

Padrão Racial: Cabeça de tamanho médio, perfil retilíneo, chanfro curto, sem chifres; orelhas pequenas de forma cônica com terminação em forma de lança. Linha dorso lombar retilínea. Garupa com cobertura de gordura. Cauda curta, com espessa camada de gordura e terminação afilada.

Raças especializadas para carne

Raça Hampshire Down

Originária do condado de Hampshire, na Inglaterra, a Hampshire foi formada pelo cruzamento de ovinos das raças Wiltshire, Berkshire e Southdown. São animais fortes, de grande tamanho, de conformação harmoniosa, compactos e musculosos.

Padrão racial: Cabeça comprida e larga, sendo mocha em ambos os sexos. A lã cobre a cabeça até abaixo dos olhos, sem prejudicar a visão, deixando livre a cara e lacrimais. A cara, as orelhas e demais partes da cabeça que não forem cobertas de lã devem apresentar pelos escuros, preferencialmente pretos. Orelhas longas e espessas, bem implantadas horizontalmente na cabeça, pontas ligeiramente arredondadas. A pigmentação do focinho, lábios e ao redor das pálpebras deve ser escura, preferencialmente preta.

O velo branco cobre bem o corpo, parte da cabeça e membros, até altura dos cascos, deixando descobertos os joelhos, que são cobertos de pelos pretos. Mechas curtas e fechadas, às vezes apresentam fibras pretas misturadas, o que não é desejável. A pele é flexível, com coloração rosada. O corpo é comprido, profundo e simétrico, com costelas bem arqueadas.

Dorso e lombo largos, em linha reta, com boa cobertura de carne. O pescoço é musculoso e bem implantado. Paletas fortes, afastadas entre si, não devendo apresentar saliência nem depressão em relação à linha de lombo e costilhares. A garupa é larga, pernas arredondadas e profundas, com ótima massa muscular. Os cascos são bem formados e pretos.

Atualmente, no Brasil, existem três linhagens de Hampshire Down: 1. Inglesa, que preserva suas características raciais (animais de porte médio), maturidade fisiológica da carcaça precoce (abate peso vivo – PV 35 kg); 2. Americana, com menos rigor para pureza racial e maior ênfase ao desempenho produtivo (animais de grande porte); maturidade fisiológica da carcaça tardia (abate acima de 40 kg PV); 3. Canadense, intermediária entre a Inglesa e a Americana. Prolificidade de 125 a 140 %.

Raça Suffolk

Raça originária do sudoeste da Inglaterra. Foi formada pelo cruzamento de carneiros Southdown e ovelhas caras negras Norfolk. É um ovino de grande porte, apresentando corpo comprido e musculoso. É uma raça de fácil identificação, pois possui cabeça e pernas completamente livres de lã, cobertas por pelos curtos, pretos e brilhantes.

A Suffolk é tardia para a maturidade fisiológica da carcaça. Os cordeiros mestiços de Suffolk devem ser abatidos com 40 kg PV. A raça é poliéstrica estacional, com maior incidência deaios férteis a partir de fevereiro, podendo atingir índices de nascimento de 140 % no Brasil.

Padrão racial: Cabeça grande, sendo mocha em ambos os sexos. Cara comprida sem rugas, perfil convexo. Orelhas medianas, de cor preta, com a ponta virada para fora. Mucosas nasais, lábios e pálpebras totalmente pretos. Pelos brancos ou lã em qualquer parte da cabeça são considerados defeitos.

Patras fortes, sem lã e coberta de pelos negros e lustrosos. Pele fina, de coloração rosada, completamente sem rugas. Velo de coloração branca, formado por mechas curtas e livres de fibras pretas. A barriga deve ser coberta de lã. Os cordeiros nascem inteiramente pretos e aos 5 meses já estão com a pelagem padrão da raça. Nos Estados Unidos, Canadá e Nova Zelândia existem linhagens diferentes da originária da Inglaterra, onde não se preocupam muito com o padrão racial e sim com a produtividade. No Brasil são criadas todas as linhagens. Maturidade fisiológica da carcaça tardia (abate acima de 40 kg de peso vivo).

Raça Texel

Raça formada na ilha Texel (Holanda). Várias raças paternas foram utilizadas em cruzamentos com as antigas fêmeas ovinas, já existentes na ilha de Texel. Entre estas estão: Leicester, Border Leicester e Lincoln, como destaques. Após algum tempo, um grupo de ovinocultores passou a utilizar os carneiros puros da antiga raça da ilha e, com um adequado método de seleção, surgiu na ilha uma nova raça, hoje conhecida como Texel.

Ovino de média estatura, compacto, com massas musculares volumosas e arredondadas. A Texel apresenta precocidade para a maturidade fisiológica da carcaça. Os cordeiros mestiços de Texel devem ser abatidos com 35 a 37 kg PV. A raça é poliéstrica estacional, com maior incidência deaios férteis a partir de março, podendo atingir índices de nascimento de 160 % no Brasil. Existem as linhagens, Francesa e Alemã, também criadas no Brasil.

Padrão racial: Cabeça forte, larga ao nível do crânio, completamente livre de lã, coberta de pelos brancos, curtos e sem brilho. Mocha em ambos os sexos. Orelhas de tamanho médio, cobertas de pelos brancos, curtos e sem brilho, com inserção alta. As extremidades são levemente projetadas para frente e um pouco acima da linha de inserção. As mucosas nasais, labiais e os bordos das pálpebras devem ter pigmentação escura, preferencialmente preta. São admissíveis pequenas pintas pretas nas orelhas e pálpebras. Pescoço curto, musculoso, arredondado e bem inserido no corpo. A pele do pescoço não deve apresentar ruga. O corpo não é muito comprido, a garupa é larga, proporcionando-lhe ótima compacidade.

Um dos pontos de destaque da raça é o posterior, que visto de trás apresenta o formato de U, grande e invertido. A cauda é revestida de lã, larga e comprimento que não ultrapassa o jarrete. Patas cobertas por pelos curtos e brancos. Cascos de pigmentação escura. O velo inicia-se no pescoço e garganta, deixando livre a barriga e as patas. A maturidade fisiológica da carcaça precoce (peso abate 35 kg de peso vivo).

Raça Ile-de-France

Raça originária de uma região próxima a Paris, denominada Ile de France. Mesmo tendo sido formada pelo cruzamento de raças produtoras de lã, foi selecionada para produção de carne. Por isso, pode ser considerada de duplo propósito, sendo 60 % para produção de carne e 40 % como lã. Contribuíram na formação da raça, ovelhas Merino Rambouillet, carneiros New Leicester e carneiros Merino Cotetin. É uma raça de porte elevado e apresenta boa cobertura muscular. A raça Ile pode ser considerada precoce para a maturidade fisiológica da carcaça. Os cordeiros mestiços de Ile devem ser abatidos com 35 a 37 kg PV.

A raça apresenta característica reprodutiva interessante, na região sul do Brasil, já apresentaaios férteis a partir do início de janeiro. Em trabalho realizado por Lourenço (2008), em Maringá, fêmeas Ile de France só não manifestaram cio nos meses de outubro, novembro e dezembro.

Padrão racial: Cabeça forte, com perfil reto ou levemente convexo, coberta de pelos brancos e finos, sem nenhuma pigmentação, não apresenta chifres em ambos os sexos. A lã branca cobre todo o corpo, incluindo o ventre e forma um pequeno topete, deixando completamente livre os olhos. Orelhas médias e medianamente implantadas, nunca pendentes. Pescoço curto e forte. Corpo comprido, largo e musculoso. Patas de pigmentação clara, cobertas com pelos brancos e finos. Cascos de cor clara. As mucosas nasais, lábios, pele entre narinas e pálpebras devem ser rosados. A maturidade fisiológica da carcaça precoce (abate 35 kg de peso vivo).

Raça Pool Dorset

O Dorset original apresenta chifres, sendo denominado Dorset Horn, na Inglaterra, e nos Estados Unidos apenas Dorset. O atual Pool Dorset ocorreu por mutação em um plantel de Dorset, na Universidade da Carolina do Norte, EUA. Sua principal vantagem é o poliestrismo anual. Essa raça foi introduzida no Paraná no final dos anos 1980. A raça Dorset é considerada tardia para a maturidade fisiológica da carcaça, recomendando-se o abate dos cordeiros mestiços com 40 kg de peso vivo.

Padrão racial: Cabeça forte, com perfil retilíneo, a lã cobre a parte inferior da mandíbula, a nuca e a parte superior da cabeça, formando um topete acima dos olhos, deixando completamente livre a visão. As orelhas, a parte frontal da cara e as narinas são cobertas com pelos brancos e curtos. As mucosas nasais, lábios e pálpebras devem ser rosados. Orelhas de tamanho mediano devem ser implantadas horizontalmente. Em qualquer parte da cabeça coberta de lã ou pelos não são admissíveis pigmentos ou manchas pretas ou escuras.

Não apresenta chifres em ambos os sexos. A pele de cor rosada deve ser suave, não muito solta e livre de grandes rugas. Nas áreas desprovidas de pelos e lã são admissíveis sardas de cor café ou pigmentos negros, mas não são admissíveis manchas definidas negras ou escuras.

O corpo é comprido, profundo e musculoso. Os membros são cobertos de lã clara, não sendo permitidas manchas escuras. Cascos brancos, admitindo-se raias pretas. Entretanto, cascos totalmente pretos são desclassificatórios. A maturidade fisiológica da carcaça tardia (abate acima de 40 kg de peso vivo).

Raça Dorper

Raça de origem sul-africana tendo sido desenvolvida com um único propósito: produção de carne sob variadas condições ambientais. A raça é originária de cruzamentos entre as raças Dorset Horn (pelagem branca) x Blackhead Persian (Somalis). Na década de 1930, surgiram os primeiros ovinos, resultantes desse cruzamento, alguns eram totalmente brancos, recebendo o nome de Dorsian. Outros eram brancos, com a cabeça e pescoço pretos, conhecidos como Dorper. No Brasil, os ovinos resultantes deste cruzamento, que apresentam o corpo branco e pescoço preto, pertencem à raça Dorper e os animais com pelagem totalmente branca são da raça White Dorper. O Dorper foi oficialmente introduzido no Brasil pela Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária da Paraíba (EMEPA) em 1999.

Tanto o Dorper quanto o White Dorper são poliéstricos anuais, possibilitando intervalo de 8 meses entre partos. Partos múltiplos são comuns, aliados à grande produção de leite das ovelhas, caracterizando-as como fêmeas de boa habilidade materna. São animais de porte médio, compactos e musculosos.

Os mestiços de Dorper e de White Dorper apresentam alta velocidade de ganho de peso, boa conformação e rendimento de carcaça, o que credencia o grupo Dorper como raças pater-nas, principalmente para o cruzamento com fêmeas deslanadas Santa Inês, pois seus descendentes, além de apresentarem bom desempenho produtivo, as fêmeas preservam as caracte-rísticas reprodutivas de ambas as raças, com longo período de cio e boa habilidade materna. O grupo Dorper pode ser considerado precoce para a maturidade fisiológica da carcaça, reco-mendando-se o abate dos cordeiros mestiços com 35 a 37 kg de peso vivo.

Padrão racial: O Dorper ideal é um ovino branco com lã curta e solta, com pelagem preta predominantemente no quarto anterior, cabeça e pescoço. Algumas manchas pretas no corpo e perna são permitidas, mas ovinos totalmente brancos ou predominantemente ne-gros são indesejáveis. A região ventral do animal não deve apresentar lã. Chifres grandes são indesejáveis, porém permissíveis, entretanto, o ideal são chifres pequenos ou rudimentos. A cabeça deverá ser coberta com pelos curtos e negros. Lã e pelos devem estar em harmonia, sendo penalizado o animal que apresentar exclusivamente lã ou pelo.

O White Dorper é um ovino totalmente branco com lã curta e solta. A pele deve ser bem pigmentada ao redor dos olhos, por baixo da cauda, no úbere e nas tetas. Um número limi-tado de manchas de outras cores nas orelhas e abaixo da linha ventral é permitido. A região ventral do animal não deve apresentar lã. Chifres grandes são indesejáveis, mas permissíveis,

entretanto, o ideal são chifres pequenos ou rudimentos. A cabeça deverá ser coberta com pelos curtos. Lã e pelos devem estar em harmonia, sendo penalizado o animal que apresentar exclusivamente lã ou pelo. A maturidade fisiológica da carcaça precoce (peso abate 35 kg de peso vivo).

Raças produtoras de leite

O leite de ovelhas é muito rico em gordura (maior ou igual a 6%) não sendo consumido *in natura*. Porém apresenta excelentes características para fabricação de queijos finos (roquefort e gorgonzola). No Brasil, já estão sendo fabricados alguns tipos de queijo, principalmente no Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais.

Raça Lacaune

Raça originária dos montes Lacaune na França, resultante do cruzamento entre diversos grupos de ovinos existentes na região. O berço da raça situa-se na região produtora do queijo roquefort. Predominantemente leiteira, no país de origem, a produção média é de 1.5 kg de leite, em um período de 180 dias de lactação. O Rio Grande do Sul vem importando e fomentando a criação dessa raça.

Padrão racial: Cabeça afilada, com chanfro comprido e perfil retilíneo ou convexo e de secção triangular. A cabeça deve ser coberta com pelos finos, lustrosos, de coloração branca e prateada. Olhos grandes, amarelo-claros. Orelhas medianas, implantadas lateralmente, preferindo-se as horizontais. As mucosas nasais, pele, narinas, conjuntivas e os lábios são rosados. Ausência de chifres em ambos os sexos. São animais de pelagem clara, pouquíssima lã de velo, sem lã nas patas, barriga e cabeça. A pele é de cor branca, mas alguns traços de pigmentação podem ser tolerados.

Devem apresentar úbere de bom tamanho, bem implantados com ligamentos fortes. Os tetos devem ser de tamanho que permitam a utilização de ordenhadeira mecânica. A cauda é cilíndrica, comprida, descendo abaixo dos jarretes.

Raça Bergamácia

Raça italiana, provavelmente originária de ovinos do Sudão. Há muito tempo criada em vários Estados do Brasil. Entretanto, a última importação ocorreu nos anos 1980, devido ao aparecimento de *Scrape*, em um rebanho no Paraná, foi proibida a importação de ovinos dessa raça para o Brasil. O que existe hoje no país é conhecido como raça Bergamácia Brasileira. São ovinos de grande porte, brancos, mochos e lanados.

Apesar da aptidão leiteira, no Brasil a raça é mais utilizada para a produção de carne (cruzando fêmeas Bergamácias com carneiros das raças de corte) por serem muito prolíferas (partos duplos e se apresentarem no cio em qualquer época do ano) e criarem muito bem os seus cordeiros.

Pela semelhança das orelhas com os bovinos indianos, em várias regiões é chamada de zebu. Recomenda-se a utilização de carneiros Bergamácia para o cruzamento das ovelhas Corriedale, na produção de fêmeas (F1) com melhor habilidade materna. As F1 devem ser cobertas com carneiros das raças de corte, em cruzamentos terminais, para produção de carne. Ou usar machos Corriedale ou Merino Australiano, para a produção de lã. Vê-se que é uma raça de enorme versatilidade.

Padrão racial: Cabeça grande, perfil ultraconvexo, fronte estreita, mocha, orelhas grandes, pendentes, atingindo no mínimo a ponta do focinho; mucosas nasais e órbitas oculares róseas, sendo permitida discreta pigmentação.

O dorso é reto e longo, garupa com boa cobertura muscular, úbere bem implantado e desenvolvido. Pelagem branca, pelos curtos cobrindo a cabeça, face ventral do corpo e os membros, abaixo dos joelhos e jarrete; lã no restante do corpo. O velo é claro e sedoso, com lã de finura média e de qualidade inferior.

Grupos genéticos de ovinos lanados Pantaneira

Em artigo publicado por Vargas Junior *et al.* (2011), relata-se que no Sul-mato-grossense existe um grupamento genético de ovinos *Nativos*, que apresentam uma combinação de alelos que se aproximam das raças lanadas do Sul e deslanadas do Nordeste, o que indica variabilidade genética e abre caminho para a possibilidade da criação de uma nova raça. Todavia, para o desenvolvimento de uma nova raça, com base científica, é necessário o conhecimento das características de desempenho zootécnico do material genético disponível. Assim, é necessário, nos ovinos nativos Sul-mato-grossenses, estudar possíveis características a serem utilizadas como critérios de seleção em programas de melhoramento com a finalidade de obter animais com maior peso ao desmame, visando a um menor período de terminação em confinamento ou em pastagem.

Características do grupamento genético

No ano de 2005, foi iniciado um estudo exploratório pelos pesquisadores Fernando Miranda de Vargas Junior *et al.* das instituições Universidade Anhanguera-Centro Tecnológico

de Ovinocultura (UNIDERP-CTO), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e posteriormente a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), a fim de identificar e manter o grupamento genético. A princípio foram adquiridos 300 animais "pantaneiros" de criatórios do Alto e Baixo Pantanal Sul-mato-grossense, os quais apresentavam características fenotípicas semelhantes entre si, mas distantes dos padrões genotípicos das raças exóticas criadas no Brasil. Esses animais são encontrados em grande quantidade em fazendas isoladas na região, vivendo há anos sob qualquer tipo de seleção ou melhoramento genético, fato este que possibilita concluir que esses ovinos são adaptados à região Sul-mato-grossense.

No aspecto reprodutivo, os animais do grupamento genético nativo sul-mato-grossense apresentam características que merecem destaque, pois não apresentam estacionalidade reprodutiva, favorecendo a produção de cordeiros durante todo o ano. Esses estudos qualificam os ovinos nativos sul-mato-grossenses a serem incluídos em sistemas intensivos de produção, pois a ausência de fotoperiodismo reprodutivo permite que haja produção constante nas distintas estações do ano.

Os cordeiros nativos sul-mato-grossenses nascem com PV entre 2.5 e 3.5 kg. Embora o peso ao nascer possa ser considerado inferior comparativamente ao da maioria das raças criadas no Brasil, o desenvolvimento subsequente dos cordeiros desse grupo genético é bastante satisfatório, observando-se ganho de peso diário entre 200 e 350 g, dependendo do nível nutricional da dieta, este fato proporciona a produção de cordeiros precoces, sendo abatidos com idades entre 4 e 8 meses, com PV entre 30 e 40 kg, apresentando alto rendimento de carcaça oscilando entre 45 % e 50 %. Outro importante aspecto a ser destacado é que machos e fêmeas apresentam desempenho e produção semelhantes, bem como acabamento de carcaça uniforme.

Os ovinos nativos sul-mato-grossenses oferecem ainda, como subprodutos, a lã e o pelego, essa é um importante coproduto da ovinocultura de corte no MS, pois é bastante utilizada em trabalhos artesanais, como tapetes, baixeiros, mantas entre outros produtos, o que tem boa aceitação e comércio em regiões tradicionais em bovinocultura de corte, haja vista que os produtos têxteis oriundos da lã e couro ovinos são utilizados em montarias e apetrechos de fazenda para a lida de peões com o gado e outros animais de produção.

Cadeia da carne ovina

O principal entrave para consolidação da cadeia produtiva da carne ovina no Brasil são os abates clandestinos. Todos os agentes tem conhecimento dos abates informais, inclusive as instituições fiscalizadoras, que são contratadas para tal finalidade.

O potencial da carne ovina no Brasil pode ser ilustrada por alguns Empresários ou grupos associativos, que produzem e comercializam carne de cordeiros com denominação de origem conhecida, apresentadas em cortes e embaladas a vácuo. Com destaque podem ser citados: o Cordeiro Herval *Premium* no Rio Grande do Sul; Cordeiro Castrolanda e Cordeiro Aliança no Paraná; Clube do Cordeiro, Cordeiro Prime VPJ e Savana *Food* no Estado de São Paulo, dentre outros.

Concordamos com Guimarães y Ferelli de Souza (2014), ao relatarem “que há potencial para o desenvolvimento da ovinocultura de corte no Brasil, mas que, no entanto, existem entraves importantes em termos organizacionais que precisam ser superados com urgência para consolidar essa atividade produtiva nas cinco regiões Brasileiras”.

Referências

- ARCO (Associação Brasileira de Criadores de Ovinos). 2005. *Manual Técnico*. Bagé, RS. 80 p.
- Costa, D. et al. 2012. “Desempenho ponderal de cordeiros Santa Inês e F1 Dorper x Santa Inês em pastagens naturais”. *Rev. Bras. Saúde Prod. Anim.* 13(1): 237-243.
- Guimarães, V. e J. Souza. 2014. Em: Selaive-Villarroel, A. e J. Osório S. (org.). *Produção de ovinos no Brasil*. Roca. São Paulo. pp. 3-11.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). 2012. *Produção da Pecuária Municipal*. Vol. 40. Brasil.
- Santello, G. e F. Macedo. 2009. “Desempenho e características histoquímicas do tecido muscular esquelético de cordeiras terminadas em diferentes sistemas”. *Acta Scientiarum. Animal Sciences* 31:425-431.
- Vargas Junior, F. et al. 2011. “Potencial produtivo de um grupamento genético de ovinos nativos Sul-mato-grossenses”. *Pubvet* 30(5), ed. 177, art. 1197.
- Villela, L. 2015. *Origem e situação dos ovinos no Brasil*. Agência EMBRAPA de Informação Tecnológica.